



XXXII COLÓQUIO DO COMITÊ BRASILEIRO DE HISTÓRIA DA ARTE 2012 DIREÇÕES E SENTIDOS DA HISTÓRIA DA ARTE

RESUMOS

Maria Cristina Louro Berbara

Universidade do Estado do Rio de Janeiro - UERJ

A iconografia nacionalista manuelina e seus revivals além-mar

Durante a presente comunicação serão analisados determinados aspectos da iconografia nacionalista produzida durante o reinado de Dom Manuel I (1469-1521) e seus revivals em distintos momentos históricos. De que maneira elementos formais e simbólicos vinculados à iconografia nacionalista manuelina foram recebidos, transformados, cristalizados ou rejeitados em contextos sucessivos? A célebre esfera armilar, animais exóticos, retratos, e mesmo representações de indígenas brasileiros ou negros africanos serviram para configurar uma cultura visual celebrativa das conquistas lusitanas no contexto colonial; como esses elementos sobreviveram, transformando-se, em momentos tão variados como o Rio de Janeiro da primeira metade do século XIX, quando a corte portuguesa se translada para o Brasil, ou a fase de anexação espanhola, entre 1580 e 1640? A imagem pública que Portugal procura fabricar de si durante o período manuelino relaciona-se ao controle marítimo e, por extensão, às descobertas científicas que o possibilitam e que dele advêm; paralelamente, humanistas portugueses e italianos recorrem ao conceito da renovação imperial para fortalecer a imagem de Portugal como grande herdeiro de Roma. As implicações milenaristas da evangelização, por outro lado, assumem um caráter eminentemente político, e, nos séculos seguintes, apesar dos sucessivos fracassos militares portugueses parece consolidar-se a ideia de que a existência do império português é providencial. De que maneira o legado visual nacionalista criado na época das navegações foi transformado e recriado em novos contextos políticos ao longo da trajetória do império lusitano? Como esses elementos visuais adaptaram-se a distintas coordenadas geográficas?